

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ANTÓNIO VIEIRA E OS MÉDICOS NO SERMÃO DE S. LUCAS.

PINA, Luís de

Ano: 1941 | Número: 51

Como citar este documento:

PINA, Luís de, António Vieira e os médicos no sermão de S. Lucas. *Revista de Guimarães*, 51 (4) Out.-Dez. 1941, p. 297-311.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

António Vieira e os Médicos no Sermão de São Lucas

(Continuação de pág. 94)

Retorno ao ponto de paragem. Vieira, para louvar a Medicina, compara-a à segunda árvore da vida do Paraíso Terreal, plantada fora dêle por Deus poderoso. E que fêz mais o Senhor? O prègador diz que entregou «a guarda dela a outro Querubim, não armado de fogo, senão de luz, o qual não só defendesse, mas cultivasse a mesma árvore, e com os seus frutos recuperasse aos homens a saúde e lhes acrescentasse a vida. E que árvore, e que Querubim foram estas? A árvore foi a ciência da medicina, e o Querubim é o médico. Não é isto invento ou consideração minha, senão verdade de fé, e texto expresso da Sagrada Escritura».

Nem mais, nem menos: para Vieira, o médico é um querubim, de guarda à segunda árvore da vida do Paraíso Terreal. Este argumento jàmais o esperaram os censores cruéis da Medicina e dos médicos. «Tôda a Medicina é obra sua», diz o texto alegado pelo nosso Jesuíta.

E agora, tomemos dali, outra vez, a *Imagem*, de Frei Heitor Pinto. Aí, os contendores do médico, figurante na cena, lanceiam dêste teor o infeliz:

— «Onde há mais médicos, aí há mais doentes, e de maravilha concertam uns com os outros: até ao inventor de sua própria arte variam. Parece-me segundo meu fraco juízo que a Medicina é invenção nova».

Quão diferente conceito êsse. Os textos bíblicos dão-lhe nascedoiro divino, a ela Medicina: Deus a cria. Mas vem o negociante da mesma cena e rejeira

do lado que não, que nem os médicos sabem como e quando ela nasceu! O jurista apoia o negociante no lance e vá de lhe dizer também que, no tempo dos homens se governarem mais por razão, que por opinião «ainda que usassem de medicina, não usavam de médicos: e as mèzinhas eram simples e sem misturas, e uns remédios comuns e proveitosos. Lembra-me que li num autor moderno que nunca houvera físico que fôsse insigne por curas que fizesse, salvo por opinião da gente ignorante. Médicos, parece-me que são como estátuas grandes de metal, que de fora mostram gravidade, e um vulto, que promete ciência de grandes cousas, mas elas são insensíveis e vãs de dentro».

O jurista, depois de boas e sensatas razões do médico, passa a carregar mais na lanceta que há-de picar bem fundo e diz, a propósito da antiguidade da Medicina:

— «Esta não negamos ser antiga: a que nós dizemos que é invenção nova é a que se usa neste tempo de misturas, e composturas, e várias diferenças, e cousas estranhas e perigosas. E os que usam delas, e deixam as medicinas simples e conhecidas, comparo eu aos que admitem em suas cidades os estrangeiros, de que não têm experiência, e lançam fora delas os bons naturais, que as conservam. Ao que dizeis que houve físicos insignes digo que é verdade, mas curavam com cousas leves e provadas, e com bom regimento, muito diferente dos de agora».

O censor insurgia-se contra as complicações terapêuticas do tempo, que era o século XVI, pugnando pela medicina simples. Aquêlê jurista do Renascimento bem se me vai a parecer com os sensatos médicos neo-hipocráticos contemporâneos, rebeldes contra a complicação da arte médica.

Mas, prossigo com o texto do nosso Jesuíta, que também mete sua opinião de permeio:

— «O jurista, para dar ou tirar a vida a um homem, vê as leis, e vê os autos: o médico vê as leis, mas dos autos não se lhe dá vista».

Noutro ponto, António Vieira mexe em assunto sobejamente melindroso, qual seja o dos ganhos dos médicos. Eu estive para aspar do discurso êste caso,

se não fôra a minha consciência, delegada da de todos os colegas, obrigar-me a não o calar. E é que não calo, porque antes de mais nada a verdade. Tentemos galgar o Rubicão.

Interpreta Vieira os textos dizendo que os discípulos de Cristo que vão a curar os enfermos não levam bolsa, nem dinheiro. E comenta:

— «O fim que ordinariamente leva às universidades os candidatos da ciência médica, é aquela promessa vulgar do seu Galeno, *Dat Galenos opes*. A Teologia e S. Tomás, promete dignidades eclesiásticas; a jurisprudência e Justiniano, honras seculares; a medicina e Galeno, riquezas».

Padre António Vieira conta dessoutro varão justo a quem o povo quis levantar por governador, segundo escritos de Isaías. Mas o justo varão retorquiou, sensatamente, que não era médico, que não tinha pão em casa. Acha bem Vieira que o homem não aceitasse o lugar, porque «os governos são para fazer bem com o pão próprio, e não para acrescentar os bens com o pão alheio».

E vai daí, prossegue o nosso prègador:

— «a tôdas as outras ciências ou ofícios pode faltar o pão, mas ninguém o tem sempre mais seguro que o médico. Como todos somos mortais, só o médico vive do que nós morremos: e tão certo é na medicina o pão, como na mortalidade a doença. Nunca lhe pode faltar ao médico o pão em abundância; porque não há lavoira menos dependente do tempo, ou chova, ou faça sol, que a da medicina. Antes quando a chuva afoga as searas, e o sol as queima, então cresce mais a lavoira dos médicos, porque então lavram mais as enfermidades. As quaeresmas dos enfermos são as páscoas dos médicos, e com as dietas de uns, se fazem os banquetes dos outros».

Infanda sorte a dos médicos, que haveriam de trabalhar graciosamente, sem bolsa, nem dinheiro. Como Vieira, há quem deseje (e essa seria, se possível, a ambição de todos os médicos), que o legislador reduzisse «a medicina à sua natural nobreza; e que os professores dela a não desacreditassem com a fazer venal. A um prègador, dos que tomam a Escritura

pela toada, ouvi eu argüir os médicos de se venderem muito caros».

Mas logo o bom prègador da Companhia defende os acusados, e bem, por estas palavras:

— «Pouco conhece a riqueza da saúde, quem cuida que por algum preço pode ser cara, quanto mais caríssima. *Non est census super censum salutis corporis*: diz o Espírito Santo, que não há riqueza no mundo, que se iguale à saúde do corpo. E Platão, fazendo um catálogo dos bens desta vida, e dando por sua ordem o lugar que merece cada um, no primeiro põe a saúde, e no quarto as riquezas: *Primum locum obtinet bona valetudo, quartum opes*. Donde se segue que se o médico der ao enfêrmo a saúde, e o enfêrmo ao médico tôdas as riquezas, menos recebe o médico, que o enfêrmo».

Todavia, vá lá um cristão saber como há-de portar-se obedecendo a regras que Vieira expõe, dêste teor:

— «Sendo pois o objecto da medicina, a saúde do corpo: *Corpus sanandum*, não há dúvida que faria grande injúria à medicina, e à mesma saúde, o médico interesseiro que a quisesse embolsar, e que se lhe pagasse a dinheiro. Porquê? Porque seria pôr preço ao que não tem preço».

O panegirista de São Lucas, então, aponta os exemplos dos médicos São Cosme e São Damião, que jámais receberam paga de seus serviços, e de Hipócrates, o pai da Medicina, que viveu há 2.400 anos. Dos dois primeiros desinteressados santos nada sei; mas de Hipócrates, comparado por Platão a Policleto e a Fídias; o *divino*, como lhe chamava Apolónio; o criador da Deontologia médica, êsse recusara, até, na verdade, copiosas e opulentas prendas que o rei Artaxerxes lhe oferecera, para cuidar dos feridos e doentes das suas hostes.

A saúde não tem preço, diz a filosofia popular. E Vieira escreve também: — «seria grande afronta da mesma saúde apreçá-la, ou pôr-lhe preço, como se ela o tivesse. Isto deviam fazer por própria eleição os professores da Medicina por crédito da sua ciência».

No entanto, que triste a condição humana, e mais triste a do médico, que é homem como os demais, com

suas precisões fisiológicas e sociais, desde o comer ao vestir! Por isso Padre Vieira escreve:

— « Se os médicos pelo uso da sua ciência não hão-de levar dinheiro, quem os há-de sustentar? Respondo que os enfermos, mas não por preço, senão por tributo devido à rainha de tôdas as ciências. Assim o manda o mesmo Deus, que criou a Medicina, naquele Texto: *Honora medicum propter necessitatem*: Honrai o médico pela necessidade, isto é, não só pela necessidade que vós tendes dêle, senão pela que êle tem de vós. E que quer dizer ali aquele *honora*? Quer dizer o mesmo que no quarto mandamento, *Honora patrem tuum*. Em um e outro lugar quer dizer, que os filhos ao pai, e os enfermos ao médico teem obrigação de assistir e servir com a condigna sustentação: *Honora, idest, praebe illi sustentationem condignam*, diz com a comum interpretação, o doutíssimo A. Lapede. E chama-se esta sustentação com grande propriedade, e energia condigna; porque se aos pais devemos o sustento porque nos deram a vida, aos médicos a devemos com o mesmo direito, porque no-la conservam».

Vêde o que diz, a tal respeito, um outro prêgador, êste médico do nosso tempo, o Prof. Rocha Brito (1):

— «Sacerdócio! linda palavra, esplêndida coisa. É preciso porém, que a não explorem contra a nossa classe, pois, presta-se a todos os equívocos e mal-entendidos. Para muitos, sacerdócio quer dizer trabalhar de graça, como se o médico fôsse o único ser humano que não carecesse de viver e fazer viver os seus, de gozar um pouco as justas alegrias da vida. Mas, então, o estudante deveria logo, ao matricular-se, estadear o seu documento de filho-família rico: e o critério principal da escolha da carreira seria o do dinheiro! Os que assim pensam esquecem-se, por certo, como já se disse, de que a medicina é uma ciência pura, uma arte desinteressada, mas uma profissão remunerada. Como profissão remunerada o seu exercício deve ser pago: trabalho igual a paga».

(1) Maurice de Fleury — *O Médico*. Trad. e prefácio de A. da Rocha Brito. Coimbra, 1937.

E Rocha Brito proclama, acertadíssimamente:

— «Onde está então êsse famigerado sacerdócio com o qual tanto se compraz e se orgulha a medicina em ser comparada, perguntarão. Fácil é a resposta e verdadeira. O dinheiro paga o trabalho, mas não paga a dedicação, o carinho, o espírito de sacrificio, a tenacidade no esforço, a perda das melhores horas do nosso tempo, de dia ou de noite, a falta de regularidade das nossas refeições, a prontidão do nosso socorro — a caridade — enfim de que o bom médico faz rodear os seus cuidados clínicos; isso que o dinheiro não paga, é justamente o que se chama o sacerdócio da profissão. Eis a razão porque desde tempos imemoriais o salário médico se designa por um termo especial: honorários».

Ó meus prezados ouvintes: — como é justa a crítica do professor coimbrão e como a ela se ajusta, tão bem, êste trecho do *juramento médico* do célebre Amato Lusitano, quando diz:

— «quanto a honorários, que se costumam dar aos médicos, também fui sempre parcimonioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente; muitas vezes rejeitei, firmemente, grandes salários, tendo sempre mais em vista que os doentes por minha intervenção recuperassem a saúde, do que tornar-me mais rico pela sua liberalidade ou pelos seus dinheiros».

Hoje, em nossos dias, vêde que são os médicos aqueles dos técnicos que mais ajudam a pobreza, que mais auxiliam o Estado na assistência médica das populações, no serviço dos hospitais e das associações de socorros.

E, todavia, quão mal remunerados andam por aí, quão minguadamente lhes pagam as públicas repartições que os empregam na assistência médica ou as direcções de Hospitais! Nisso, quanto lhes está devendo o Estado e a Nação!

Velho problema que agora se não debate aqui. Mas para todos os responsáveis eu ofereço o sumo moral das palavras de Amato, de Vieira e de Rocha Brito!

Do sermão de Vieira há aí trecho que muito adoça o nosso brio médico, que nos consola por isentar-nos das culpas no martírio de Jesus. Diz o pregador que

Cristo foi o homem mais perseguido do mundo. ¿E quem foram os seus perseguidores? Vieira diz que os Livros Santos apontam escribas e fariseus. Ora perante o divino poder de Jesus Cristo no tocante a curas de doentes, deviam ter sido os médicos seus apedrejadores e crucificadores. O Nazareno, sarava os estropiados e os leprosos, ressuscitava também os mortos: — ora vêdes aí que não poderia haver maior e mais poderoso médico no mundo ou mais temido concorrente dos galenos do tempo, que ficavam ociosos, com as boticas cerradas, por não terem trabalho!

Pois o nosso grande Padre afirma que os médicos não entraram na chusma dos matadores de Cristo. Èle o afirma e eu e todos nós o cremos facilmente. È que, diz Vieira, a razão era o «desinterêsse dos médicos, senão a sua própria faculdade e ciência, a qual é tão nobre e generosa, que por si mesmo influe, ainda nos casos mais apertados, o desprezo de todo o interêsse».

Valha-nos, entre mais, êste dulcíssimo conceito de um dos maiores e melhores servidores de Jesus. São estas as maiores consolações que podem abalar sentimentalmente o coração daqueles que tanto se sacrificam e trabalham na minoração das dores físicas do semelhante!

E que mais prega Vieira quanto à paga dos médicos? Prega grande e alta doutrina noutro passo do seu Sermão de São Lucas, o mais digno, puro e melhor dos médicos do mundo, a excluir que estes não «se sustentarão por onde forem como peregrinos, ou hóspedes, senão como senhores, e como se os celeiros e despensas das cidades, e tudo o que nelas houver, fôsse seu: *Edentes quae apud illos sunt*. E, o que é muito mais, que isto o receberão e lograrão sem se lhes fazer a face vermelha com o pedir; porque tudo sem cuidado, nem diligência sua se lhes porá diante: *Manducatte quae apponuntur vobis*».

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Bem me está a parecer que vou já longe demais no discurso. E tanto teria que esbagoar o formoso Sermão de São Lucas, para dar-vos todo o amelado

suco que dêle se escoa puríssimamente. Mas tentarei confinar-me ao essencial. Tudo o mais da oração é fina aula de Deontologia.

Quando Vieira alude à ciência com que deve exornar-se o médico para cuidar da vida dos seus semelhantes, aponta como é delicadíssimo o corpo humano, êsse mundo pequeno ou *microcosmo*. Antes de Carrel chamar ao homem «êsse desconhecido», já Vieira alegara com palavras de Tertuliano o mesmo chamadouro, Tertuliano êsse que dissera ter certo médico feito anatomia em 600 cadáveres, sem entender a fábrica do corpo humano!

Isso, no físico, que quanto ao psíquico o homem é o animal mais incompreensível da Terra!

Ora para tratar dêsse *microcosmo* que é o homem, há-de o médico conhecer-lhe bem a constituição. Ouvi êste trecho que tanto se ajusta às moderníssimas noções que a Medicina divulga nas Escolas, a da *Constitucionalística* ou *Biotipologia médica*:

— «O médico não só há-de conhecer a compleição de um homem, senão de todos os homens, e de tôdas as nações, cujos temperamentos são tão diversos como as côres. E do mesmo modo há-de conhecer as qualidades não só de uma terra, senão de tôdas as terras, nem de uma só água, senão de tôdas as águas, nem de um só ar, senão de todos os ares, e de todos os climas».

Noutro passo, Vieira fala da influência da meteorologia nas curas, por palavras ao tempo aceitáveis. Era a magia médica — feição da Medicina até muito depois do século XVI e, hoje, apenas viva no bernal científico de bruxas e curandeiros.

O nosso prégador lembra Esculápio, deus da Medicina dos gregos e seu fundador ⁽¹⁾, diz a História antiga. Esculápio a quem os do tempo consagravam

(1) Heitor Pinto alude à criação da Medicina e abordoa-se no mesmo passo das Escrituras a que se apoia Vieira: — «Por onde consta ser a Medicina boa e proveitosa. Para que é mais senão que diz a Divina Escritura no *Eclesiástico*: — «Honra o médico pela necessidade, porque o Altíssimo o criou: de Deus é tôda a Medicina, e do rei receberá mercês: a disciplina do médico o honrará, e em presença dos grandes será louvado.» — (III, 224).

o galo e a serpente, como símbolos, êle da vigilância, ela da prudência e da astúcia, cousas mui necessárias ao bom médico. E lembra, entre mais remédios do tempo, o *mitridático* e a *triaga* ou *teriaga*, drogas em que entram numa mistura assombrosa algumas dezenas de simples que requerem, da parte do médico, estranha habilidade para as combinar e acertar no pêso e na medida.

Ora, por isso, diz Vieira, é que o médico ascende a lugar mais cimeiro e de homem passa a querubim, querubim que significa *plenitudo scientiae*, *plenitudo da ciência!*

Muita ciência, na verdade, haverá que congregar-se no bom médico. Mas é Vieira o primeiro a crer que a um só homem é-lhe vedado saber tudo de tôdas as doenças, achegando à censura velhos argumentos de velhas histórias, como a de Plutarco, que conta terem os egípcios repartido de tal sorte «as enfermidades e os médicos, que um médico não pudesse curar mais que só uma. De sorte que debaixo do género das febres um curava as agudas, outro a terça, outro a quartã, outro a diária, outro a ética, outro a física».

De feito, houve na antiguidade asiática extravagantes regras de sistema médico. Vêde aí a dos chinas arcaicos, que diziam conhecer 10.000 espécies de febres, 200 variedades de pulso, sujeição de cada víscera a uma côr, a uma estação, a um sabor, a uma planta, a um momento do dia, etc.

O Padre António Vieira prossegue na recomendação de se iluminar o médico com grande multidão de luzes de ciência, pois a Medicina é *ciência conjectural, que cura o que não vê*, enganando-se o discurso e até a experiência. E cita Hipócrates: *experimentum fallax*. Sim, na verdade o velho médico de Cós dissera, no seu primeiro aforismo, que a vida é curta e a arte longa, a ocasião fugitiva, a experiência enganosa (1).

Por isso, comenta Vieira:

— «Se eu houvesse de fazer o anel ao médico, o metal do círculo não havia de ser ouro, senão electro;

(1) Hipócrates — *Aforismos*, I, 1. Ed. Littré.

e a pedra não havia de ser diamante, ou rubi, senão ametisto. Porque ambos estes simples teem virtude de adivinhar e descobrir o veneno, ou por suor, ou por outro efeito extraordinário de quem o tem no dedo, sendo o dedo anular o que tem maior correspondência com o coração».

As qualidades que devem exornar o bom médico são, na verdade, muitas e complexas. Elas hão-de fundir-se e compor-se de sorte que se veja o que se não vê. É ciência a modos de adivinhação, o de estabelecer-se um diagnóstico, mas adivinhação especada em ciência certa.

A união da ciência médica com a mágica seria o sistema preferível, no jeito dos *pagés* americanos, que o Padre cita, que eram médicos e feiticeiros ao mesmo tempo. O nosso prægador era lido na História Médica antiga e por isso aponta o fundo mágico nas velhas medicinas grega, hindu e egípcia. Estas, aliás, com as demais gaulesa e goda, azteca ou persa, nipónica ou hotentote.

Poderá parecer-nos pouco ortodoxo êste passo do sermão, mas o prægador ladeia o golfo, asseverando:

— «se o médico cristão duvidar, se em algum caso se poderá valer da arte mágica para adivinhar o que a sua não alcança: respondo que sim, se o instrumento fôr São Lucas».

Com São Lucas, médico peritíssimo e patrono generoso, tudo se obteria, até a graça de adivinhar os males dos enfermos. Ponto é que os médicos bebam naquela mesma taça de São Lucas que Vieira compara à de José, taça de poderes sagradamente ocultos, a permitirem a adivinhação das cousas que ficam fora da «jurisdição e esfera da vista». Bem andaram pois os esculápios portugueses ao escolherem São Lucas para seu patrono e orago:

— «não haja enfêrmo tão desconfiado da saúde, nem enfermidade tão incurável, que o médico por intercessão e graça de São Lucas, e São Lucas por meio dêle não cure: *Curate infirmos.*»

Agora, eis outra parcela do sermão donde a ironia do illustre Padre dardeja sôbre os médicos cobiçosos e lisonjeiros de doentes, quando estão à

cabeceira de enfermos de grande autoridade e respeito. É mais uma repetição que perdoareis:

— «Vistes já a um médico tomar o pulso ao enfermo, e arqueando as sobranceiras com gestos de admiração fazer o compasso com a cabeça aos golpes do mesmo pulso? Pois aqueles movimentos da cabeça do médico, diz o Nazianzeno, são os da balança, em que êle está pesando duas coisas: de uma parte a dificuldade da doença, e da outra o preço que lhe hão-de dar pela cura, e por isso a dificulta. Isto se entende dos médicos cobiçosos, que já refutei; o que agora digo e não louvo, é dos obsequiosos e respectivos. Quando a enfermidade é grave, e também grave o enfêrmo, o médico lisonjeiro e de pouco valor, está pesando, como em balança, a graveza da doença, e a gravidade da pessoa: para quê? Para temperar os medicamentos com tal brandura, que a doença se modere, e a pessoa de nenhum modo se moleste e agrave. Se isto é adular o gôsto, ou zelar a saúde, julguem-no os mesmos que são juizes dela».

Outra parte do sermão de São Lucas é atinente ao médico não estremar doentes ricos dos pobres, sem olhar às classes sociais, no tocante ao bom tratamento. Êste é o princípio máximo da Deontologia Médica de todos os tempos, de Hipócrates até hoje. Lá diz o nosso *Compromisso Deontológico* de 1939, que o médico tem o *dever de prestar solícitude, cuidados e atenções, a todos os doentes, seja qual fôr a sua categoria social ou a situação de fortuna.*

O prêgador lembra que só a Medicina tem sujeitos e debaixo de seu império aos «reis», no dizer de Plínio antigo: — *Medicina una artium imperatoribus quoque imperat.* Assim como todos obedecem ao imperador e ao rei, assim «os imperadores e os reis obedecem ao médico», diz António Vieira.

«O médico — comenta o nosso Padre — não cura a púrpura, nem a coroa, senão o homem despido, e o corpo que em todos é do mesmo barro: e aonde o médico quis fazer distinção de barro a barro, ali se perdeu».

Por isso «os médicos devem ser como as enfermidades. Assim como as enfermidades não respeitam qualidades nem dignidades, assim o devem êles fazer.

A enfermidade não respeita qualidades, porque ainda que a nobreza se chame sangue, a enfermidade não se compõe ou descompõe dêste só humor, senão da discórdia de todos quatro. E não respeita dignidades, porque tão sujeito está à febre em palácio o rei, como o moço do monte, e em Roma o Papa, como o faquino».

¿Onde há, minhas Senhoras e meus Senhores, professor de Deontologia Profissional em Faculdade de Medicina que mais alto e distintamente tratasse êste pontoso assunto?

O Padre António Vieira recorda, como médico moderníssimo, que «a primeira coisa, diz Aristóteles, que se há-de considerar no enfêrmo, é o sujeito, mas não quem é, senão qual».

E conta de certas curas levadas a cabo por meios maravilhosos, como a da cama de rosas a el-rei D. Sebastião, mandada fazer como insigne remédio pelo insigne Tomás Rodrigues da Veiga; mais conta que os médicos chineses dão às doenças do Imperador os mesmos títulos do monarca:

— «E assim dizem os médicos: A muito alta e muito poderosa febre de vossa majestade, raínha sôbre todos os reis, e imperadora sôbre todos os imperadores, ou está mais remitida ou mais alterada».

Lembro o comentário de certo colega português àcerca dos termos de um boletim médico concernente à doença de um nosso rei do século XIX (1):

— «Que diriam dos Medicos Portuguezes os Medicos Estrangeiros se entendessem os Buletins, que se publicaram na *Gazeta de Lisboa* de 6 de Março e seguintes sobre a doença e morte d'El-rei! E que dirá mesmo qualquer homem não-Medico, quando ler o 1.º Buletim «*dos quaes (insultos nervosos) a beneficio dos remedios que se dignou tomar se acha melhor actualmente?*» — Pois que, Senhor Douctor Redactor, o tomar um Rei remedios é acto de *graça*, que se *dignasse* fazer?»

(1) *Carta àcerca dos boletins da última doença e morte d'el-rei D. João 6.º*, in «Archivos de Historia da Medicina Portugueza», Pôrto, 1895.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Quando António Vieira fala da criação da Medicina por Deus — *Altissimus de terra creavit medicinam* (1), logo aí pôs informações certas e seguras à roda de pontos que muito interessam aquela arte e aquela ciência.

A Providência plantara fora do Paraíso Terreal, na *redondeza da mesma terra*, a árvore da Medicina e logo nas «quatro partes do Mundo criou Deus para serviço e uso da medicina, vários antídotos, ou instrumentos medicinais, conforme as qualidades e enfermidades das mesmas terras».

Não deixa o nosso prègador de mostrar bons conhecimentos de Matéria médica e Patologia exótica, quando diz:

— «Os Romanos nas suas conquistas queixavam-se de que entre as novas riquezas que de lá traziam, vinham também os contágios de novos géneros de doenças, com que parece que os conquistados se vingavam dos seus mortos, matando também dentro em Roma os seus mesmos conquistadores».

E quanto a Portugal, quanto à nunca assaz louvada empresa dos Descobrimentos e Conquistas de terras exóticas, com seus efeitos extraordinários no campo da Medicina, diz Vieira:

— «sendo el-rei D. Manuel o fundador ou amplificador dos hospitais de Lisboa, se dizia dêle que justamente fabricava os hospitais, quem com as suas conquistas acrescentara os enfermos. Mas nesta mesma experiência se vê e reconhece mais claramente o

(1) É muito curiosa a leitura da obra de Brás Luís de Abreu, intitulada *Portugal Medico ou Monarchia Medico-Lusitana*, etc., de 1726. Nesta, o autor paganiza de baixo até acima a Medicina, filha dilecta de Apolo, pai de Esculápio. Quando o deus grego manda a Mercúrio que congregue os seus devotos no Parnaso, diz-lhe claramente, aludindo à Medicina: — *Preclarissima Arte de q. fui Inventor*. . . O pagão Brás Lufz não escutaria serenamente a argumentação de Padre António Vieira (Vd. Luís de Pina — *Aspectos da vida médica portuguesa nos séculos XVII e XVIII*, in «Medicina», Lisboa, 1938, e *Medicina reformata*, in «O Comércio do Pôrto», de 3 de junho e 2 de Novembro de 1938).

altíssimo conselho da Providência Divina, pois são muitos mais os novos e exquisitos remédios, que das mesmas conquistas se descobriram, ainda contra as antigas enfermidades, do que requerem as novas».

Que o digam, entre outros, o grande patologista e farmacólogo exótico Garcia de Orta e o nosso Crístóvão da Costa, para não alistar no rol tantos outros, médicos e não médicos, que assazmente escreveram acerca da matéria.

Padre António Vieira, a seguir, enumera em ementa copiosa os elementos naturais que a Farmácia colhe da Terra, por generosa fábrica de Deus, remédios dos reinos vegetal, mineral e animal. Pode lá passar-se daqui sem ler-vos um admirável trecho de tão sábio Padre:

— «Dos lódos mais profundos recebe os tributos das pérolas e aljófares: das areias limosas o misterioso coral, que primeiro é vime verde e brando, e logo pedra vermelha e dura: até da fúria das tempestades, ou da fome das baleias, os sobejos odoríferos do âmbar, que estas arrancam, e aquelas lançam às praias. De raízes assim regadas, cresce e se engrossa o tronco de tôda a famosa árvore, formada de todos os lenhos medicinais que criam os vizinhos e remotos climas; dos quais, ou abertos os poros com o calor do sol, se destilam em suores, ou feridos mais interiormente nas veias, correm como sangue os bálsamos e as mirras: e estas pelo parentesco que têm de humores, ou restringindo, ou relaxando (como no instrumento as cordas) os reduzem facilmente à natural harmonia».

O trecho de Vieira encerra informações sobre a Farmacologia ou Matéria médica do tempo, em que não faltam as pedras preciosas, as fontes de águas minerais, a água do mar, os animais de onde se extraíam princípios curadores, como a teriaga, a que a víbora dava preciosa contribuição.

E a propósito dos animais na Medicina, não se esqueceu o Padre de mencionar remédios ou processos terapêuticos, que os bichos ensinaram aos homens: a pomba, quanto ao loureiro; o veado, quanto ao *dictamo*; a andorinha, quanto à quelidónia. E a estas poderíamos juntar a cegonha e a íbis quanto ao clister,

o hipopótamo quanto à sangria ou escarificação (1); etc., etc.

Por fim, trata o sermão dos prognósticos que os médicos ditam e em que tão vulgar é o erro. Recomenda o prègador que não haja razões para que se não desengane ao doente gravíssimo a fim de cuidar da alma na hora de despenar-se desta vida. Isto para *que acabem bem os enfermos.*

¿E para que acabem bem os médicos, falta alguma cousa? — inquiria do púlpito, em dia da festa de São Lucas, o alto prègador.

Comentava a seguir: — «Como andam sempre com a morte entre as mãos, ou entre os dedos, pode acontecer que lhe tenham perdido o mêdo. Mas para que seja com confiança da vida, que há-de durar para sempre, lembrem-se daquele provérbio: *Medice, cura te ipsum*: assim como curam os outros, não se esqueçam de se curar a si».

E Padre António Vieira proclamava aos médicos que se achegassem bem a São Lucas e tratassem de si. «Nenhum médico seja tão descuidado, que curando aos outros, se não cure a si: *Medice, cura te ipsum*».

Assim cerra Vieira o sermão do Evangelista, nosso patrono e orago.

Bom é seu conselho, ontem, hoje e para sempre. Curemo-nos também a nós próprios, os médicos. De mim, farei tudo o que puder, obediente ao Padre, mestre de educação e psicólogo fino, por isso mesmo.

Farei tudo o que puder. O que já não posso é curar-me do mal que fiz em vir aqui esta noite. Mau foi para vós todos e muito mais para mim. Convosco, ficará apenas o tédio de três quartos de hora mal passados; comigo, o remorso de vo-lo ter dado, o que é bem pior.

Medice cura te ipsum.

LUÍS DE PINA.

(1) Tradições lendárias da História Médica.